

Projeto de extensão: Luz, Câmera e reflexão: intersecções entre história e filosofia  
Coordenadores: Marciano Cavalcante, Pablo Spíndola, Amós Santos  
Aluno: João Miguel Asafe Batista dos Santos

### **Tropa de elite**

O filme escolhido por mim apresenta uma realidade que não se distancia do que acontece no contexto brasileiro. Desde a formação do país muito sangue foi derramado. A violência é um fato, e no Brasil é a realidade de muitos.

O filme “Tropa de elite”, lançado no dia 5 de outubro de 2007, acompanha a história de Roberto Nascimento (Wagner Moura), capitão do BOPE (Batalhão de Operações Policiais Especiais), e de como ele luta contra uma guerra no Rio de Janeiro. Guerra essa contra o tráfico que ocorre nas favelas. Cansado de lutar nessa guerra, chega a hora dele se aposentar do BOPE, e é aí que entram Neto Gouveia (Caio Junqueira) e André Mathias (André Ramiro) que acabam de entrar para a polícia militar e descobrem como funciona o Sistema.

A cena em questão sobre o filme que eu quero apresentar é logo no início. Quando ocorre a intervenção da polícia em um baile funk no Morro da Babilônia. Começamos sem entender o motivo da intervenção. Vemos policiais negociando com os traficantes do morro, e então próximo ao baile, Neto puxa o gatilho. A confusão se inicia, levando a morte dos traficantes e um tiroteio entre eles e a polícia. E com a narração do capitão Nascimento somos inseridos na história.

O principal objetivo do filme é retratar a violência que acontece nas favelas do Rio de Janeiro. A obra se passa em 1997, e mesmo hoje em dia, 27 anos após os ocorridos do filme, ainda é possível ver traços dessa violência.

O diretor do filme, José Padilha, diz que começou a produção do roteiro após o lançamento do documentário “Ônibus 174”, achando que ainda faltava retratar toda a violência ocorrida no país, e dessa vez seria um filme sobre polícia. Obviamente nada do roteiro partiu inteiramente da cabeça dele, ao seu lado estava Rodrigo Pimentel, ex-militar. Então toda a história apresenta coisas que realmente aconteceram ao redor do ex-militar, dando mais veracidade ao que ocorria ao decorrer do filme. O Rodrigo foi a melhor fonte que Padilha teve para dar construção ao filme, colocando nele a pressão que vemos na polícia militar, no BOPE e no Brasil como um todo.

O jogo de luzes e câmera é muito importante para esse filme, que ajuda a construir todo o background e dá mais impacto para cada uma das cenas. Para isso temos o Lula Carvalho que revela que acompanhou as cenas ao longo que elas iam acontecendo, muitas coisas que nem ele mesmo esperava. Temos um exemplo de quando o capitão Nascimento está perdendo o controle com uns jovens, e dá um chute em um dos garotos da cena. O filme teve um preparo enorme antes de começar as gravações. Para que passasse o aspecto mais realista possível, os atores realmente passaram por um treinamento do BOPE, e é lá onde Wagner Moura quebra o nariz de um oficial real da Polícia Militar, Capitão Paulo Storani, dando a ele o que era necessário para fazer o papel do filme.

Quando vimos o Capitão Nascimento colocando “moral” nos policiais ainda no início do filme podemos ver como tudo aquilo se mostra tão verdadeiro. É possível perceber na cara e no tom de voz dele quem ele prova ser ao longo do filme. Tudo isso enaltece o personagem e o torna grandioso. E ao vermos a forma que isso é retratado, a maior interpretação pública é julgar o filme como uma semiótica fascista. Mesmo o fascismo não sendo o foco do filme.

O figurino também é muito presente aqui, para que desse o aspecto da época em que se passou o filme. Cláudia Kopke é o nome da lenda. Trabalhando em todo o figurino do filme, ela conseguiu passar para o público que assistia, e até mesmo as pessoas que estavam trabalhando, o mais imersivo possível da história. Muitas das pessoas estranharam as roupas utilizadas na cena do baile funk, mas eram utilizadas na época. E o mais incrível de tudo isso é que podemos ver a construção de cena acompanhadas do figurino e do modo que foi utilizadas as técnicas de filmagem, como o temor se estabelece diante das situações que estão acontecendo.

Toda a narração do capitão Nascimento no início do filme enquanto nos apresenta o cenário atual do filme, misturada ao que está acontecendo, nos faz compreender que vai acontecer algo tenso. A forma em que a câmera se movimenta, a tonalidade do momento, que se repete em muitos outros momentos do filme. Mas também a forma de enaltecer os personagens, vemos a distância que temos entre Neto e Mathias dos outros personagens do baile funk. A chegada do BOPE para intervir no conflito. E parece que todas as técnicas utilizadas neste filme tentam nos fazer ficar o mais próximo possível da história, muitas vezes exagerando na forma que faz isso. A real crítica aqui neste filme é ao Sistema. Vai ficando mais claro que ao decorrer do filme que os personagens estão passando por momentos de transformação e sendo corrompidos por esse Sistema. A luta contra o tráfico apresentada se dá principalmente pela corrupção dos policiais, que fazem acordos para que menos pessoas morram, mas não é assim que fica. A corrupção coloca armas nas mãos dos traficantes, levando a ferramenta do tráfico para eles, fazendo a morte de muitos.

O filme possui diversas interpretações, das mais rasas às mais profundas, e é preciso ter o contexto certo para entendê-lo da forma correta. Saber como a estrutura social do Brasil tem defeitos que vem de berço. Identificar esses aspectos no filme e analisar a real crítica que está sendo feita a violência não é um processo difícil. Mas entender a construção imagética que nos aproxima desses resultados facilita mais essa compreensão do filme.